

O trabalho com a leitura e a escrita na escola

*Claudia Toldo**

Resumo

Este trabalho apresenta reflexões acerca dos atos de ler e escrever enquanto processos que levam à construção de sentidos no texto. Na perspectiva da interação, veem-se a leitura e a escrita como processos cognitivos realizados por sujeitos que percebem a linguagem como prática social e como forma de interação entre interlocutores. Essas considerações tomadas no universo escolar são imprescindíveis para o trabalho do professor de língua portuguesa que compreende e ensina a língua a partir de seu uso em reais situações de comunicação.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Texto. Sentido.

Considerações iniciais

O principal objetivo deste texto é fazer uma reflexão sobre dois atos que realizamos todos os dias: ler e escrever. Percebo que na maioria das vezes não nos damos conta de que essas duas ações ocupam boa parte de nossa atividade docente, principalmente no que respeita ao conhecimento que construímos enquanto professores e/ou profissionais da educação. Com base nessa reflexão, trago algumas considerações sobre a construção de sentidos pela leitura e escrita de textos.

Acredito que ler textos em diferentes linguagens possibilita contatos entre espaços, tempos, mundos. Hoje, o saber provém de vários centros, de fontes múl-

* Professora de Língua Portuguesa da Universidade de Passo Fundo, atuando junto ao curso de Letras e ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Letras. Graduada em Letras – Licenciatura Plena pela UPF - RS, mestra em Letras (UFRGS) – Teorias do Texto e do Discurso e Doutor em Letras (PUCRS) – Linguística Aplicada. Professora de Língua Portuguesa no ensino médio do Colégio Notre Dame.

Data de submissão: novembro de 2009. Data de aceite: dezembro de 2009.

tiplas, de diferentes textos. Isso nos conduz ao chamado “mundo das letras”, ou seja, ao contexto onde interagimos com a leitura e com a escrita. As vitrinas estão cheias de palavras. As ruas estão cheias de palavras. A televisão, a internet, o cinema estão cheios de palavras. Nas falas das pessoas com as quais interagimos jorram palavras. As bancas de jornal estão cheias de palavras. As camisetas estão cheias de palavras. O armazém da esquina está cheio de palavras. Já que a palavra faz parte efetivamente da nossa vida, é necessário decodificá-la, compreendê-la, interpretá-la, pois ter a palavra é ter o poder. Pronunciar a palavra é mover o mundo. Todos nós, professores e/ou profissionais da educação, temos de tomá-la e mover nossas escolas, provocando todos que nela se constituem para que façam o mesmo. Não pronunciamos ou escutamos apenas palavras, mas verdades, mentiras, coisas boas ou não.

Para tanto, precisamos assumir que ler e escrever são tarefas dos professores das diferentes áreas do conhecimento e que isso é um compromisso de todos que têm a linguagem como instrumento de acesso ao conhecimento enciclopédico. Por isso tenho dito que é na escola que se tem a responsabilidade de levar o sujeito a atrever-se a errar, a construir suas próprias hipóteses a respeito do sentido do que lê e a assumir pontos de vista próprios para escrever a respeito do que vê, do que sente, do que vive, do que lê, do que ouve na escola, em casa, na rua. O caminho para isso é um efetivo

trabalho – e interminável – de leitura e de escrita, tanto de professores como de todos os que fazem uma escola. Numa perspectiva que vê a linguagem como forma de interação, sublinho que o professor precisa ter o texto como unidade básica de ensino da leitura e da escrita, uma vez que isso é fundamental para um trabalho que visa à melhora da competência dos alunos tanto na leitura quanto na escritura de textos. Passemos a uma das questões: a leitura.

Ler: um trabalho de compreensão

Início esta reflexão sobre leitura enquanto trabalho de compreensão recorrendo às palavras de Marisa Lajolo (1993, p. 56), que afirma que “ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido do texto, mas é a partir dele ser capaz de atribuir sentido ao que se lê”, conseguindo relacioná-lo com outros textos. Isso indica que aprender a ler significa dominar progressivamente textos cada vez mais complexos, construindo seu sentido, ou seja, significa ler textos e compreendê-los.

Trata-se de exercitar a leitura para praticar, numa primeira instância, a decodificação da escrita, adestrando o olho para enxergar mais do que uma letra de cada vez, mais do que apenas uma palavra; para entender os processos de construção das palavras; para enxergar as discrepâncias que caracterizam a ortografia; para atribuir sentido a

expressões; para familiarizar-se com a sintaxe da língua escrita; para entender o significado dos sinais de pontuação, o das letras maiúsculas e minúsculas, o das margens do texto; para construir um repertório de enredos, de fantasias, de imaginações, de personagens, de raciocínios, de argumentos, de linhas de tempo, de conceitos que caracterizam as áreas do conhecimento; para, enfim, movimentar-se com desenvoltura no mundo da leitura e da escrita.

A leitura faz com que se desenvolva uma familiaridade com a língua escrita através da leitura de todo gênero textual, numa quantidade tal que faça o sujeito gostar de ler e de perceber a importância da leitura para sua vida pessoal e social. Enquanto professores de língua portuguesa, precisamos ensinar a ler como o texto se organiza, de que forma se constrói, como se arquiteta internamente e que relação estabelece com seu exterior. Precisamos ler em todos os sentidos! Alguém poderia perguntar: Mas o que é ler em todos os sentidos? Afinal, só conhecemos um sentido de leitura: da esquerda para a direita e de cima para baixo. Quero dizer que “ler em todos os sentidos” significa ensinar a organização de eixos de leitura que não se baseiam apenas na superfície textual, mas na busca de pistas que o autor deixou no caminho que realizou ao escrever, construindo sentidos outros para o texto que ora se lê. É sair de uma linha horizontal de leitura e mergulhar numa vertical.

Jean Foucambert (1994) afirma que o ato de ler é o meio de interrogar a escrita

e que jamais se chega ao significado de um texto pela soma do sentido das sucessivas palavras que o compõem, pois

[...] ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é. (FOUCAMBERT, 1994, p. 31).

Tendo presente essas considerações, os professores de língua portuguesa devem mostrar aos seus alunos o que faz de uma sequência linguística um texto, o que dá origem à sua textualidade e à sua discursividade, bem como que fatores isso abrange. Muitos estudos já constataram que o sentido ultrapassou os limites da frase, que apenas a sintaxe não consegue dar conta do sentido do texto, que a semântica não explica tudo que é possível construir num texto e que o contexto é grande demais para abarcar o que não temos explicação plausível e convincente. Quando lemos um texto, seu sentido não se estabelece sem a interação de crenças, de desejos, de querereres, de preferências, de valores, de leituras anteriores que trazemos dentro e que no momento da leitura se misturam e se entrecruzam, construindo novos saberes.

O sentido de um texto se estabelece na relação entre autor e leitor e suas leituras anteriores. Então, o sentido de um texto não está na cabeça do leitor ou, essencialmente, no texto (como se o sentido fosse dado, pronto, acabado) e, sim, na relação e no tipo de relação que se consegue estabelecer entre autor/

texto/leitor. Dessa forma, todo texto se caracteriza pela liberdade e pela ação desses coprodutores, atribuindo sentidos vários a ele. Isso propicia conhecimento. Esse conhecimento, no entanto, não é dado por um nem por outro polo dessa interação, mas pela ação dos dois juntos nessa relação de cumplicidade.

Nessa ação recíproca e dialógica se instaura a coerência, que está ligada à possibilidade de estabelecer um sentido para o texto. Ela – a coerência – é que faz com que um texto faça sentido para um interlocutor numa dada situação de comunicação e, ainda, que transforma uma sequência linguística em texto, ou seja, dá sua textualidade. Dessa forma, a coerência liga-se à inteligibilidade do texto e à capacidade que o receptor tem para construir – pela leitura – seu sentido.

A coerência subjaz à superfície textual, não é linear (horizontal), mas profunda (vertical) e global, uma vez que hierarquiza itens lexicais, frases, orações, períodos e parágrafos escolhidos para aquele texto. Suas frases trazem em si proposições subjacentes, implícitas, ou seja, outras informações que são percebidas pelo leitor, quando lidas (conhecimento prévio), pois elas estão conectadas entre si. Esta questão é fundamental, porque essas proposições trazem, na verdade, uma interpretação possível da frase e que, no momento em que passa a se relacionar com outras frases, estabelece um todo de sentido – o texto. Só poderemos ter esse texto, se tivermos um todo coerente hierar-

quicamente ordenado. Como diz Van Dijk (1993), o sentido de uma sequência linguística não é meramente uma soma de proposições que subjazem à sequência, mas o sentido que uma sequência estabelece com as outras, formando um todo organizado de sentido. Precisamos ter presente que uma frase – obrigatoriamente – deve estabelecer uma relação semântica com o que veio antes e com o que vem depois. Então, só assim teremos um todo de sentido, um texto.

A construção dos sentidos do texto está no estabelecimento da sua coerência. Acreditando que o texto é construído por quem sabe ler, só é possível entendê-lo quando, previamente, já se sabe bem mais sobre ele do que nele consta. Para compreender algo, é preciso possuir mais informações do que aquela que se vai procurar, uma vez que alguém, na condição de autor, só pode produzir textos a partir da sua própria experiência com a escrita na situação de leitor, caso contrário, ela – a escrita – apenas codifica por escrito uma mensagem. Dessa forma, ler é uma negociação entre o conhecido, ou seja, o que está na nossa cabeça através do conhecimento prévio, compartilhado, das informações adquiridas em leituras anteriores, e o desconhecido, que está no papel, entre o que está atrás e o que está diante dos olhos. Para estabelecer a coerência de um texto, precisamos ter presente que os elementos constituintes da relação de interlocução (autor/texto/leitor) estão imbricados na dimensão da leitura para a escrita de textos. É fundamental ver a leitura como algo

que foi escrito e/ou como a escrita do que foi lido. Lê-se para reconstruir o que foi dito por outro e por que ou para que foi dito. Faraco (2003, p. 35) diz que “as palavras não saem do nada, elas brotam dos lábios dos outros”. Na há palavra que seja a primeira ou a última. Então, ler supõe essa identificação que passa pela experiência pessoal e histórica do leitor. Como diz Vigner:

Todo texto que, pela relação que estabelece com textos anteriores ou com o texto geral, dissemina em si fragmentos de sentido já conhecidos pelo leitor, desde a citação direta até a mais elaborada reescritura. Ler significa aí perceber esse trabalho de manipulação sobre os textos originais e interpretá-los. (VIGNER, 1997, p. 34)

Tomando por base essas considerações, podemos pensar que a produção de um texto implica a percepção crítica, a interpretação e a reescrita do lido numa dada situação comunicativa. A leitura e a escrita são, pois, algo dinâmico. Essa dinamicidade é característica também da linguagem, que se movimenta conforme o autor/leitor age com/sobre ela num processo de compreender melhor sua realidade mais próxima, de organizar seu próprio conhecimento, bem como de organizar as informações distribuídas num texto. Logo, podemos pensar que o leitor executa um ato de compreender o mundo construído no texto que lê. Esse compreender deve ser visto como uma forma de ser, que pode ser detectada através das atitudes e do comportamento do autor e do leitor diante do texto e do conteúdo que ali veiculam. Assim, não basta decodificar as representações indiciadas

por sinais e signos: o leitor (que assume o trabalho da compreensão) comporta-se diante do texto, transformando-o e transformando-se. Isso em situação de ensino é fundamental. Os PCNs (1987, p. 30) afirmam que um dos importantes papéis da escola é viabilizar o acesso do aluno ao universo de textos que circulam socialmente, ensinando a compreendê-los, interpretá-los e produzi-los.

Segundo Van Dijk (1993), a coerência de um texto proporciona sua compreensão. Nesse sentido, a produção textual ultrapassa qualquer objetivo utilitário de comunicação, fazendo do texto um objeto de significação para seu leitor. Assim, o questionamento do que está escrito, a partir de experiências anteriores de leitura, faz com que autor e leitor estabeleçam entre si uma relação de dependência para juntos construírem o sentido do texto em questão, uma vez que o texto não possui um conteúdo do qual algo possa ser extraído, como se fosse uma mina que se esvaziasse com a mineração; nem possui um conteúdo que simplesmente se transfere para o leitor, que cria determinadas hipóteses e as vai confirmando ou não durante a leitura. Quando lemos, ativamos diversos conhecimentos para juntos construirmos sentidos e chegarmos à compreensão do que lemos. Então, podemos considerar que ler significa mobilizar tudo o que já sabemos. A relação que se estabelece no escrever de um (autor) e no ler de outro (leitor) busca um ponto de vista, que leva ao questionamento, à investigação dos meios que permitiram a elaboração

do texto e ao confronto com os pontos de vista de um e de outro, construindo um diálogo interminável.

Essa relação traz o conceito de leitor, formulado por Jean Foucambert (1994), que diz ser ora o autor, ora o leitor. Com isso, aperfeiçoa-se o sistema de interrogação dos textos de que se precisa, mobilizando o “conhecido” para reduzir o “desconhecido”. As intervenções remetem, pois, à organização e ao uso desse “conhecido”, já que podemos entender que ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça do outro, para compreender melhor o que se passa na sua; e tornar-se leitor é penetrar nas razões e nas redes de uma comunicação escrita, uma vez que o mundo aí está, cheio de mistérios, resistências, encantos, saberes, limites.

Nas atividades de leitura podemos articular fatores essenciais para o estabelecimento da coerência de um texto, ou seja, é pela leitura que temos a intertextualidade; é pela leitura que temos o conhecimento de mundo e, portanto, o conhecimento partilhado entre os três elementos da interlocução; é pela leitura que temos a informatividade, tratada aqui como o fator responsável pela seleção e distribuição da informação no texto; é pela presença da leitura na escrita que podemos identificar a consistência e a relevância do que é dito e do que fica implícito nas proposições; é pela familiaridade com a atividade da leitura que autor e leitor poderão estabelecer relação entre os gêneros textuais; é pela intimidade com a leitura

que autor e leitor são capazes de fazer referências, inferências e pressuposições na construção do sentido de um texto; é pela leitura que se é capaz de construir sequências linguísticas aceitáveis e coerentes pelo conhecimento linguístico e pragmático que ela evidencia, produzidas por sujeitos concretos, em situações concretas, sob determinadas condições de produção.

A não leitura traz a não escrita e, obviamente, a impossibilidade de lidar com os fatores que estabelecem o sentido de um texto. Para muitos, a leitura está intimamente associada às atividades e exigências da escola e da academia; por isso, quando concluído o período de escolarização, deixam de ler, porque a vida agora significa algo muito diferente do que faziam antes. Além disso, há outros entretenimentos e meios educacionais que suplantam a leitura. Sem falar que, na maioria das vezes, a escola não ensina para o estudante, mas, sim, para a escola, pois, ao invés de mostrar o caminho para o leitor, apresenta uma leitura pronta, sem colocar obstáculos no meio, não permitindo que o diálogo entre autor/texto/leitor se construa de modo significativo para a construção de leitores competentes. Como diz Georges Picard (2008, p. 112), “de que valem um romance ou um ensaio que não mexem conosco? Com certeza, nós os esqueceremos mais rapidamente que qualquer outra obra irritante”. Sem dúvida alguma ler é muito mais que um jeito de passar o tempo ou de arejar a cabeça. Ler é trabalhar na construção de conhecimentos e, a

partir daí, relacioná-los. Ler é construir uma experiência de significação que seja a soma de todas as histórias das leituras individuais. Os leitores têm tudo a ganhar ao abordar um livro e tê-lo como objeto de desejo, consumo, oportunidade de – pelo saber – fazer a diferença. A escola – em sua dimensão mais ampla – deve aprender isso.

Ainda acredito – e provavelmente continuarei acreditando por muito tempo – que a boa leitura torna as pessoas melhores, mais educadas, reconciliadas com a cultura e amantes das belas coisas e das belas letras. Essas questões provocam um leitor que pode ser melhor e, por isso, ser um bom produtor de textos. Eis o próximo ponto dessas reflexões: a produção textual.

Escrever: um trabalho de produção

O ato de escrever é uma prática social, resultante do desenvolvimento de um conhecimento longamente assimilado durante muitos anos de formação. Assim, a escrita está ligada à construção de um modo abstrato de mediação das práticas sociais e à tentativa de entender um pouco mais sobre o homem em suas relações, já que a escrita não circula no vazio. Tomar a escrita como trabalho – sim, trabalho, pois esse estereótipo de “escritor mágico” não existe, porque acredito que escrever é trabalhar com e sobre a língua – de produção de texto só pode ocorrer com base numa larga

atividade de leitura, que deve acontecer, simultaneamente, na vida de qualquer usuário da língua, para que ele possa criar a familiaridade necessária com a modalidade escrita e, então, articular os elementos linguísticos e não linguísticos necessários para produzir sentido no/pelo texto, principalmente no universo docente/discente.

Jean Foucambert (1994) afirma que escrever é inventar algo “jamais lido” a partir de uma prática que tenta organizar todos os componentes da experiência de leitor de quem escreve. Para ele, toda palavra nova encontrada num texto obriga a ver de outra maneira as palavras já conhecidas. Assim, o conhecimento do sistema da escrita evolui, porque as estratégias de leitura evoluem. Não se trata apenas de ampliar a leitura, mas, essencialmente, de revolucioná-la, de torná-la uma leitura de questionamento, seja uma leitura na situação de leitor, seja na situação de autor.

A intertextualidade faz-se presente nesta dimensão, pois escrevemos o que outros já escreveram; falamos o que outros já falaram em outras situações de discurso; lemos a leitura que os autores fizeram de outros autores e, assim, sucessivamente. Não podemos esquecer de que há uma simetria irredutível entre os processos de ler e de escrever. É nessa simetria que reside o vínculo de leitor e escritor. É pela boa leitura que construímos bons escritores. É pela leitura e pela escrita de muito tempo que conseguimos escrever com o som da nossa própria voz. É com isso que conseguimos imprimir em

nossas leituras e em nossas escritas uma “impressão” de autoria.

A escrita precisa ser vista como um meio de construir um ponto de vista, uma visão de mundo, de encaixar cada fato num conjunto, de estabelecer um sistema, dar um sentido às coisas, não representar, mas apresentar sua abordagem, sua interpretação. O ato de produção de textos evidencia a escrita como um instrumento do pensamento reflexivo e a coloca como necessária para operações intelectuais. Precisamos de trabalhos que ensinem a manejar a escrita, para que, efetivamente, se construam textos de qualidade. Infelizmente, hoje, na escola, na maioria dos casos, não estamos diante de textos pautados nas noções de “autoria”, “originalidade”, “criação”, “convenções prescritas pela gramática tradicional”. Um texto asséptico não é inventivo, pois apenas reproduz lugares-comuns e acaba não se compondo no seu fazer-se pela escrita. Percebo a escrita como um artesanato que molda um jeito de combinar as peças que compõem a obra.

Foucambert (1994) afirma que a escrita é uma “ação de pensar o mundo”; também é uma vontade de agir sobre ele, transformando, por exemplo, a visão que o leitor tem dele. Assim, a escrita é uma procura e uma reconstrução do que explica que as coisas sejam como são, e a produção de texto impõe que se procure e se produza uma coerência, ou seja, que se pense o mundo em vez de simplesmente nomeá-lo. Essa atitude diante da produção de texto deve ser

gerada por uma postura de leitura como trabalho. De acordo com Possenti, “[...] ler e escrever são trabalhos. Ler e escrever são trabalhos essenciais no processo de aprendizagem, para que possamos pensar a escrita de um texto, que se quer de qualidade, a partir de uma leitura de qualidade”. (1996, p. 57).

Jamais se escreve algo que tenha acontecido antes do trabalho de escrever. Escreve-se aquilo que se produz durante esse trabalho, no seu decorrer, e esse trabalho – o da escrita – está submetido ao que se exige da/com a língua. Jamais se pode aprender a escrever senão escrevendo, isto é, percorrendo o caminho da escrita, pois ela propicia formas especiais da atividade linguística, desenvolve certas maneiras de colocar e de resolver problemas e proporciona uma oportunidade de explorar a língua. Isso caracteriza uma escrita que traz o que está atrás das aparências. Há, dessa maneira, um fazer surgir uma ordem desconhecida dos fatos contados, uma ordem que propõe um sentido novo à própria experiência de leitor e de escritor, bem como a necessidade, enquanto leitor, de escrever. A necessidade de escrever para entender a ordem do universo e dar-lhe uma ordem que nos pareça mais adequada e também a necessidade de fazer-se entender pelo texto nos coloca mais uma vez a questão de ter o que dizer, em função de equacionar um problema, ou seja, ter um conhecimento prévio mínimo para que se possa problematizar o que está preestabelecido por uma leitura que alguns fazem através da escrita de

um novo texto, uma nova ordem. Como afirma Umberto Eco (1984, p. 64), “[...] o escritor sabe que deve resolver um problema. Ele traz consigo a lembrança da cultura que carrega (o eco da intertextualidade)”. Picard (2008) assinala, ainda, que a escrita é o mais ambíguo e o mais sedutor dos espelhos. É ali que nos enxergamos. É ali que descobrimos o que sabemos, o quanto sabemos e se realmente sabemos algo a ponto de poder dizer ao outro. Nas palavras do autor:

Ao escrever, não busco me fazer admirar, muito menos surpreender os leitores; tento simplesmente animar zonas pouco conhecidas de minha sensibilidade, desestabilizar o trem de meu pensamento, cujo movimento ordinariamente caótico e vago é obrigado a tomar ritmo e forma fixando-se. (PICARD, 2008, p. 18).

Precisamos da leitura para que perceber no texto a perspectiva de uma escrita de qualidade, um conjunto de características que determinam a relação que o texto vai estabelecer com seus leitores, por meio de um diálogo que trava com eles e com os demais textos que o antecederam na história dessa relação. Pelo texto, os interlocutores partilham de algumas crenças, saberes, representações que fazem do mundo, dos objetos, das relações dos homens entre si e com o mundo que os rodeia. O texto produzido nessa dimensão de diálogo é visto como uma atividade discursiva, por meio da qual um *eu* diz algo a um *tu*, por meio da leitura/escrita que faz. É nessa dança intelectual entre leitor e autor que os sentidos e os saberes vão se construindo. E isso deve ser ensinado na escola.

Para Geraldi (1991), o texto é, pois, o lugar onde o encontro se dá: encontro entre autor e interlocutor, encontro com o conhecimento. O produto do trabalho de produção de um bom texto deve se oferecer ao leitor num processo dialógico, cuja trama toma fios que, juntos e (inter)relacionados, formam uma rede que traça o que se tem a dizer. É o encontro desses fios que evidencia a cadeia de leitura anterior deste autor, construindo os sentidos de um texto. O que liga os fios são as estratégias escolhidas pela experiência anterior de leitura do agora autor. É aprendendo a ler de forma competente que aprendemos a escrever da mesma forma, do que resultam bons textos.

Isso deixa claro que o bom texto se estrutura tendo o outro (o tu) como medida, uma vez que ele se inscreve no seu processo de produção de sentidos; preocupa-se com o que tem a dizer a um determinado leitor, uma vez que a experiência vivida (de leitura) passa a ser objeto de reflexão, ou melhor, é o objeto de partida para a reflexão; diz o que tem a dizer com alguma razão e, dessa forma, seleciona estratégias para esse dizer. O bom texto deve proporcionar uma leitura que traga subsídios, para que se possam estabelecer relações com leituras anteriores e produzir novas. Para que essa leitura possa acontecer, precisamos, sem dúvida, de um texto de qualidade para que o leitor possa deslocar e alterar os sentidos de tudo o que já leu, tornando mais profunda a compreensão que faz do seu mundo mais próximo.

Escrever é escrever textos. Textos que provocam questionamentos e respostas no interlocutor, ou seja, pelas informações e reflexões que trazem, provocam no outro (leitor) uma reação. Não queremos dizer que o texto deve provocar *a* resposta, mas *uma* resposta. Ele precisa ser visto como uma das condições necessárias e fundamentais à produção de sentidos na leitura, em que os espaços em branco são preenchidos em consequência de diferentes interpretações, em função dos universos discursivos diferentes de autor e de leitor. Como afirma Geraldi (1991, p. 29), ainda que os interlocutores possam “compartilhar algumas crenças, sempre se está reorganizando, pelos discursos, as representações que fazem do mundo dos objetos, de suas relações e das relações dos homens com o mundo e entre si”.

Dessa forma, o texto que se quer de qualidade é aquele que se propõe como diálogo entre interlocutores; diz de que problema quer tratar; seleciona argumentos para tratar de tal problema; mostra por que razão e para que trata disso; usa mecanismos linguísticos para construir tal sentido e não outro. Texto bom e de qualidade é aquele que traz, no seu interior, uma história de leitura anterior, também de qualidade, evidenciada pela sua própria construção escrita, numa determinada situação discursiva, que (re)significa sentidos e mostra certa familiaridade com a modalidade escrita e o uso de seus recursos. Texto bem escrito é aquele que distribui suas informações

de modo inteligente e competente, provocando o leitor de tal forma que o prende, amarra, submete, seduz pelo que diz.

Para que essa distribuição de informação aconteça, o autor do texto tem de ter o que distribuir; ter o que dizer; conseguir estabelecer relações de sentido entre as informações já dadas, as novas e, ainda, contar com o conhecimento prévio que sustenta e dá sentido às informações que ficam subjacentes ao conteúdo proposicional das construções linguísticas. A distribuição de informações num texto deve evidenciar um jeito novo, peculiar, de dizer o já sabido, o já conhecido, o já dado. Isso não significa que exista uma ordem para que os fatos sejam contados. O fato, num texto, só traz uma parte da realidade que caracteriza um acontecimento e ainda requer uma localização num contexto espacial/temporal determinado.

O mesmo ocorre com a descrição, que sempre é incompleta, uma vez que o que se diz sempre é selecionado, recortado pelo olhar de quem diz. Os aspectos selecionados numa descrição servem para dar uma ideia de relação parte/todo, geral/específico e, ainda, lembramos que a descrição cria uma imagem na cabeça do leitor. Quando se organiza um texto, faz-se uma seleção do que se julga importante – contam-se algumas coisas; outras, não. O ato da escrita exige a escolha entre muitas ideias, inicialmente vagas, aquelas que encontrarão a própria densidade nos limites da sintaxe, do léxico, do estilo. Portanto, escrever é

selecionar o que já se selecionou pelas leituras anteriores. Tomando mais uma vez as palavras de Schopenhauer:

Poucos escrevem como um arquiteto constrói: primeiro esboçando o projeto e considerando-o detalhadamente. A maioria escreve da mesma maneira com que jogamos dominó. Nesse jogo, às vezes segundo a intenção, às vezes por mero acaso, uma peça se encaixa na outra, e o mesmo se dá com o encadeamento e a conexão de suas frases. Alguns sabem apenas de modo aproximado que figura terá o conjunto e aonde chegará o que escrevem. Muitos não sabem nem isso, mas escrevem como os pólipos de corais constroem: uma frase se encaixa em outra frase, encaminhando-se para onde Deus quiser. (2007, p. 115).

Essas reflexões evidenciam que tanto a leitura quanto a escrita necessitam ser um objeto de ensino e de aprendizagem.

Considerações finais

Para finalizar, sabendo que isso é impossível, gostaria ainda de dizer que acredito ser nessa dança mental de ler, compreender, interpretar, interagir com o outro, tomar atitude que o sentido do texto se constrói. O conhecimento pelo texto se constrói. Entendo conhecimento como todas as informações interiorizadas que, acionadas nas diferentes situações vividas, estabelecem relações outras com as novas e as velhas informações obtidas, acomodando-as em sua estrutura cognitiva. É nessa rede lógica, significativa e individual que o conhecimento

se dá. E esse conhecimento é construído em nossas leituras e materializado em nossos textos. Não nos esqueçamos de que a palavra – escrita – do homem é o material mais duradouro. Se um poeta deu corpo à sua sensação passageira com a palavra que julgou mais apropriada, aquela sensação vive através de séculos nessas palavras e é despertada novamente a cada ato de leitura e de escrita que realizamos.

The development of reading and writing at school

Abstract

This paper presents reflections on the acts of reading and writing as processes that lead to the construction of meaning in the text. In the perspective of the interaction, the reading and the writing are seen as cognitive processes carried out by individuals who perceive the language as social practice and as a means of interaction among interlocutors. These considerations taken in the school environment are essential to the teachers of Portuguese who understand and teach the language from its use in communicative real situations.

Key words: Reading. Writing. Text. Meaning.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- CALIL, Eduardo (Org.). *Trilhas da escrita: autoria, leitura e ensino*. São Paulo: Cortez, 2007.
- CRYSTAL, David. *A revolução da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- DIJK, Teun A. Van. *Texto y contexto*. Madrid: Cátedra, 1993.
- FARACO, Carlos Alberto. *A linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.
- FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.
- ORLANDI, Eni Puccinelli; OTONI, Paulo (orgs). *O texto: leitura e escrita*. 2. ed. rev. Campinas: Pontes, 1997.
- PICARD, Georges. *Todo mundo devia escrever: a escrita como disciplina de pensamento*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PINO, Claudia Amigo; ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- POSSENTI, Sírío. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- RATHS, Louis E. et al. *Ensinar a pensar*. 2. ed. São Paulo: EPU, 1977.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- VIGNER, Gerard. Intertextualidade, norma e legibilidade. In: GALVES, Charlotte.